

pouco clássico no parecer dos puristas, nem por isso deixava de ser mais são. Ao longo de todo o século XVII, e até cerca de 1760, Osaka foi a verdadeira capital literária do país.

Mas o governo efectivo, que sujeitava os burgueses de Osaka a uma total impotência política, esse encontrav-se em Edo. E pouco a pouco, a vida intelectual e a vida económica do Japão ia sendo canalizada para esta cidade que, de insignificante burgo perdido entre pântanos, se transformava, com os Tokugawa, em metrópole repleta de mercados, escolas e burocracia. As letras e o teatro seguiram este movimento e o declínio de Osaka tem como única causa esta rápida ascensão de Edo; em 1868, o imperador Meiji viria a consagrar esta preponderância, tornando oficialmente a cidade de Tóquio «capital ocidental».

UEDA AKINARI

Ueda Akinari, autor do *Ugetsu-monogatari* situa-se na charneira dos dois períodos da época dos Tokugawa: se de facto viveu primeiro em Osaka e depois em Kyôto, não deixa todavia de ser o iniciador da literatura romanesca de Edo. Pelos seus primeiros escritos, é o último dos grandes escritores da escola de Osaka; pelo *Ugetsu* e pelos estudos filológicos, inaugura a moda de Edo. O maior romancista de Edo, Kyokutei Bakin (1767-1848), foi um dos seus mais fiéis admiradores e reclama-se abertamente da sua influência.

Pelo nascimento e pela vida que levou até aos trinta anos, Akinari podia ser um herói dos romances de Ibara Saikaku (1642-1693), o mais célebre dos escritores de Osaka. Nasceu em 1734 no bairro da má vida de Sonezaki (cenário da maior parte dos romances de Saikaku,

assim como de muitos dos dramas de Chikamatsu Monzaemon (1653-1724), o Shakespeare japonês) de uma cortesã e de pai incógnito. Aos quatro anos, foi abandonado pela mãe e até nisso teve sorte, porque foi recolhido por um negociante de papel e de óleos chamado Ueda, o qual, tendo apenas uma filha, o adoptou.

Os Ueda, cujo nome perfilharia, eram, ao que parece, de origem militar; ao optarem pelo comércio, tinham descido de classe e a isso se fica a dever uma certa nostalgia presente em todos os jovens dos contos de Akinari. O casal Ueda prende-se muito ao filho adoptivo e trata-o com todos os cuidados quando, em 1738, contrai a varíola. A criança salva-se, mas a mãe contrai a doença e morre. O pai casa de novo, e Akinari recupera uma segunda mãe, tão devotada como a primeira. Mas a moléstia tinha deixado vestígios: paralisia de vários dedos, tão grave que se julgava ter ficado impossibilitado de usar o pincel; mas, mercê de terríveis esforços, Akinari viria a tornar-se grande calígrafo, o que, para um letrado daquele tempo, era vício indispensável. Facto mais grave foi a negligência no modo como, por causa da doença, foi educado, tendo passado a mocidade no ócio e na boa vida. Segundo efeito desta doença será o culto nunca desmentido pelo deus-raposa Inari; o pai tinha-lhe contado que a cura se ficava a dever a um milagre deste deus; durante toda a vida, Akinari não pôs nunca de parte a visita votiva ao templo de Inari. Chegou a afirmar-se que nunca teve qualquer outra convicção religiosa senão essa; é possível, mas, nesse caso, a verdade é que esta fé se afastava muito das superstições que geralmente andam ligadas ao culto de Inari: basta, para tal conclusão, ler o *Ugetsu*.